

O ANO DE 2019 NÃO FOI PERDIDO PARA A AGROINDÚSTRIA, APESAR DO SETOR EXTERNO

ROBERTA POSSAMAI¹, FELIPPE SERIGATI², KELLEN SEVERO³

O Índice de Produção Agroindustrial Brasileira (PIMAgro), do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV Agro), aponta um crescimento de 0,4% do setor agroindustrial até outubro de 2019. Esse crescimento não foi melhor devido ao desempenho do setor externo. Com a economia brasileira iniciando 2020 de forma mais aquecida, se o setor externo apresentar um cenário mais favorável, a agroindústria deve registrar uma expansão mais robusta.

APESAR DAS dificuldades ao longo do ano, a economia brasileira já acumulou um crescimento de 1,0% até o terceiro trimestre de 2019. Contudo, a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) poderia ter sido mais vigorosa caso o setor externo tivesse performado melhor; as exportações de bens e serviços registraram uma retração de 2,0% no mesmo período. As vendas externas brasileiras foram prejudicadas, sobretudo, pelos atritos comerciais entre os Estados Unidos e a China, o que desaqueceu o fluxo comercial mundial, bem como pelas turbulências econômicas na Argentina.

Assim como as exportações “tiraram” parte do crescimento da economia brasileira em 2019, a situação não foi diferente para a agroindústria. De acordo com o PIMAgro, divulgado mensalmente pelo FGV Agro, o setor agroindustrial brasileiro acumulou, até outubro de 2019, uma expansão de 0,4%. Embora, finalmente, desde a greve dos caminhoneiros em 2018, o setor tenha conseguido consolidar a sua recuperação, esse crescimento não tem sido mais expressivo devido ao desempenho do setor externo.

O ANO DE 2019 NÃO FOI RUIM, MAS 2020 ESTÁ COMEÇANDO BEM MELHOR

O setor externo é muito importante para o desempenho da agroindústria. De forma geral, os setores que expandiram sua produção foram aqueles que encontraram no setor externo uma fonte de demanda adicional para os seus bens. De forma análoga, aqueles setores que não tiveram um desempenho tão favorável foram, justamente, aqueles para os quais as exportações não trouxeram dinamismo.

Diante disso:

- A agroindústria brasileira está encerrando o ano de 2019 melhor do que começou lá em janeiro;
- Esse desempenho teria sido ainda melhor se os ventos do setor externo tivessem sido mais favoráveis neste ano;
- A pauta exportadora do agronegócio brasileiro não se resume às *commodities* primárias, tais como soja em grão, café, milho e algodão (embora esses produtos tenham uma participação

muito relevante). As manufaturas do universo agro brasileiro também acessam mercados externos.

Enfim, com a economia brasileira iniciando 2020 de forma mais aquecida, se o setor externo apresentar um cenário mais favorável, a agroindústria deve registrar uma expansão mais robusta, após dois anos de desempenho abaixo do esperado.

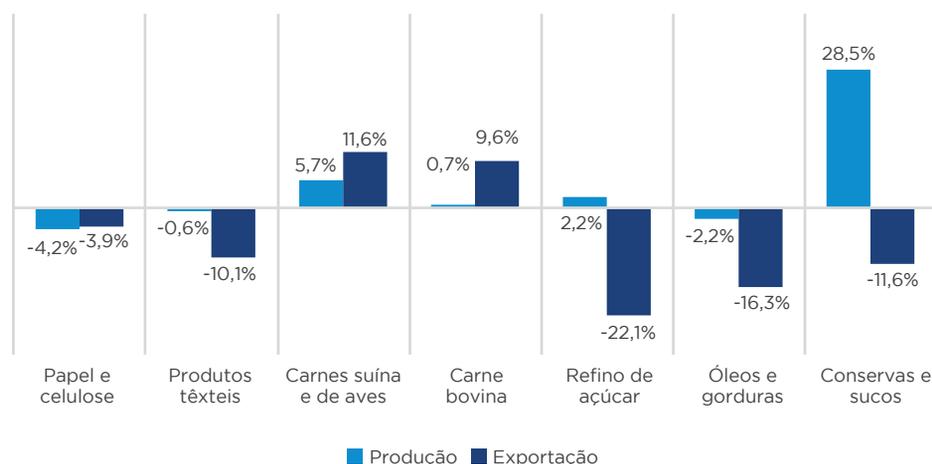
A IMPORTÂNCIA DO SETOR EXTERNO PARA A AGROINDÚSTRIA

Para diversos segmentos da agroindústria brasileira, apesar da dimensão do mercado interno, o setor exportador responde por uma fração relevante do seu desempenho. De forma mais desagregada:

- Dentro do segmento de produtos não alimentícios, os principais setores da pauta exportadora são o de papel e celulose (responsável por 22,4% do total vendido externamente pela agroindústria em 2019 até outubro) e o de produtos têxteis (5,4% do total exportado). Em relação ao setor de papel e

EXPORTAÇÕES E PRODUÇÃO FÍSICA DOS PRINCIPAIS SETORES DA PAUTA EXPORTADORA DA AGROINDÚSTRIA BRASILEIRA

(VARIAÇÃO ACUMULADA EM 2019 ATÉ OUTUBRO)



Fonte: Comex Stat; IBGE; elaboração: FGV Agro

celulose, enquanto a sua produção física registrou uma contração de 4,2% no acumulado até outubro de 2019, as suas exportações retraíram 3,9%. Já no setor de produtos têxteis, a queda de 0,6% na sua produção física foi acompanhada de uma queda de 10,1% nas suas vendas externas no período.

- Dentro do segmento de produtos alimentícios e bebidas, os setores mais representativos da pauta exportadora agroindustrial brasileira são o de carnes suína e de aves (responsável por 15,0% das vendas externas da agroindústria em 2019 até outubro), o de carne bovina (13,3%), o de refino de açúcar (9,1%), o de óleos e gorduras – essencialmente, óleo e farelo de soja (12,1%) – e o de conservas e sucos – basicamente, suco de laranja (4,6%).
- Com exceção dos setores de conservas e sucos e de refino de açúcar, os demais setores do segmento de produtos alimentícios e bebidas apresentaram a produção física variando no mesmo sentido das exportações. No caso do setor de carnes suína e de aves, ao mesmo tempo que

as vendas externas registraram um crescimento de 11,6%, a sua produção física expandiu-se em 5,7% no acumulado até outubro de 2019.

- No setor de carne bovina, a expansão das exportações, de 9,6% no período, foi acompanhada de um crescimento de 0,7% da sua produção física. No setor de óleos e gorduras, por sua vez, a retração de 2,2% na sua produção foi seguida de uma queda de 16,3% nas suas vendas externas.
- Contudo, nos setores de conservas e sucos e de refino de açúcar, esse “sincronismo” de direção nas variações da produção e das exportações não se apresentou. No caso do de conservas e sucos, enquanto a produção apresentou um crescimento de 28,5%, as exportações retraíram-se em 11,6%. Essa divergência de sentido nas variações deve-se, em parte, ao fato de que, enquanto o País exporta basicamente suco de laranja dentro desse setor, ele produz outros diversos produtos que não são exportados. Logo, a comparação entre produção e exportação desse setor não é direta.

- Já o setor de refino de açúcar, no acumulado até outubro de 2019, apresentou uma expansão de 2,2% da sua produção, enquanto as suas vendas externas registraram uma queda de 22,1%. No entanto, até setembro de 2019, o setor acumulava uma retração de produção de 2,0%, que foi revertida por conta do resultado bastante favorável em outubro de 2019, de 37,6% na comparação com outubro do ano anterior. Ademais, é importante ressaltar que a queda das exportações desse setor não foi por conta de problemas no setor externo, mas sim causada pela redução de oferta do produto brasileiro, motivada por questões climáticas. ■

¹Mestre em Economia Agrícola pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EESP) e pesquisadora do FGV Agro – roberta.possamai@fgv.br

²Doutor em Economia pela FGV-EESP, professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br

³Jornalista pós-graduada em Economia pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas na Universidade de São Paulo (Fipe/USP), apresentadora e editora-chefe do jornalístico Mercado&Cia no Canal Rural – severokellen@gmail.com